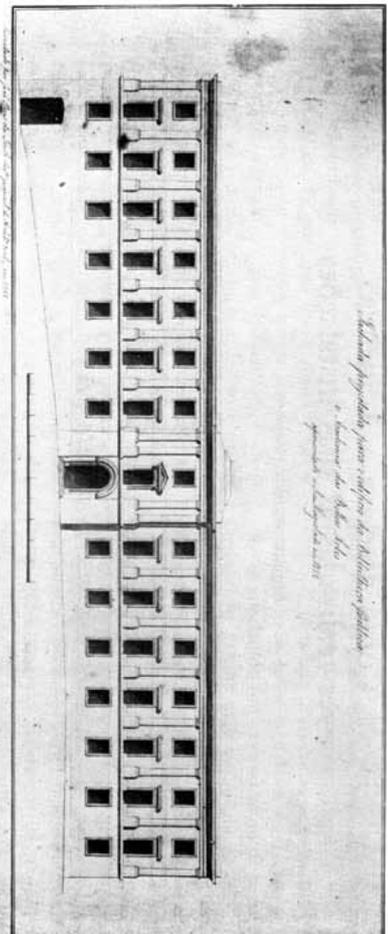


CURRÍCULO PEDAGÓGICO EDIFÍCIO



Os projectos para instalar os cursos de arquitectura das escolas de belas artes decoraram, ao longo da nossa história recente, de um debate intenso sobre os currículos e métodos pedagógicos a adoptar na formação do arquitecto.

Em 1968, Keil do Amaral fazia esta associação quando, em pleno Congresso Nacional dos Arquitectos, identificava os problemas do ensino com as instalações das altas escolas de belas artes:

“Quanto aos edifícios em que o ensino é ministrado e àquele ambiente próprio a uma maior preocupação e amor pelas coisas de Arte, é simplesmente inconcebível o que possuímos.
O velho casarão fradesco do Largo da

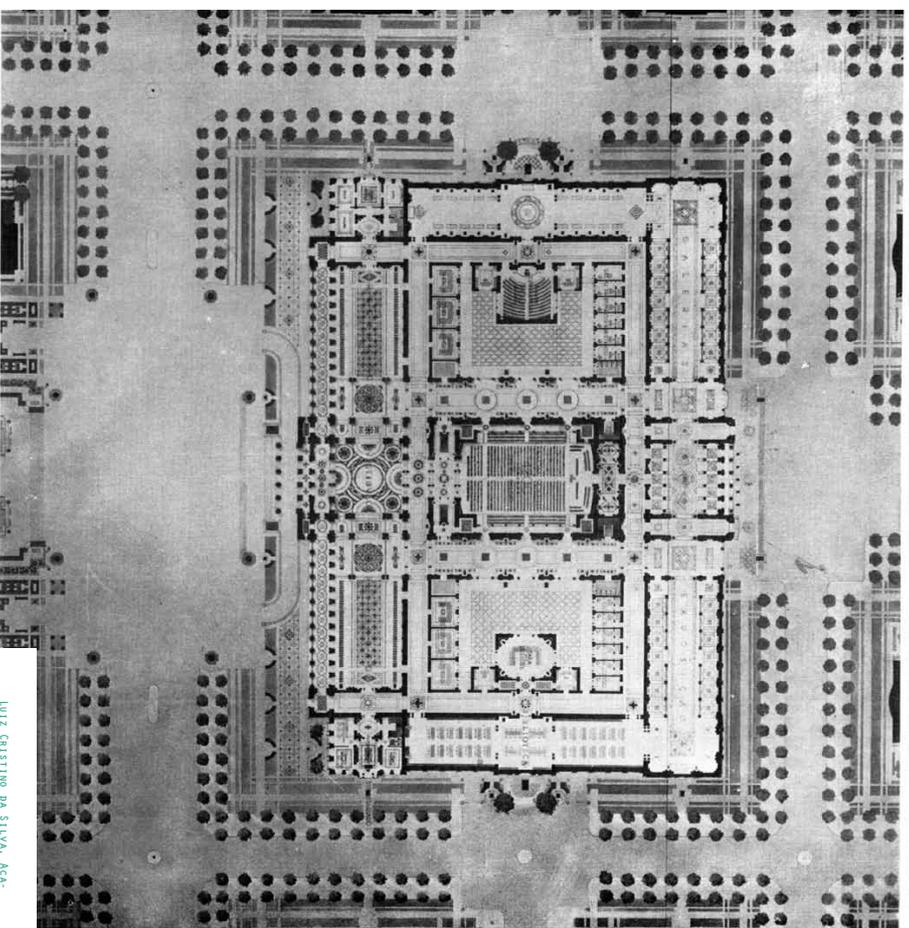
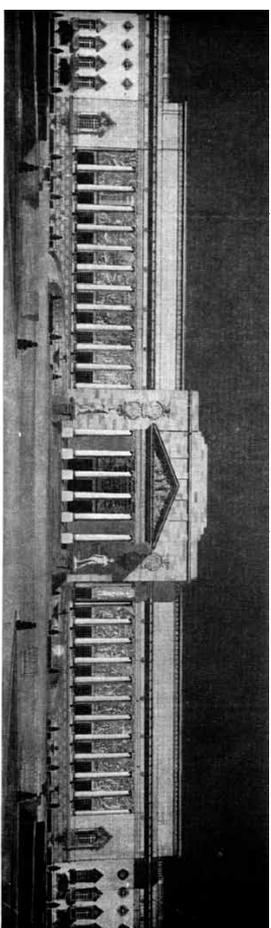
Biblioteca, em Lisboa, com os seus soturnos corredores e recantos, as suas anilhas sombrias e tristes (...) e o velho casarão similar da Avenida Rodrigues de Freitas, no Porto, pouco menos soturno, estão abaixo de qualquer crítica”

A transformação do ensino beaux-arts num ensino moderno reflecte-se nos projectos que, os professores de arquitectura realizaram para a escola do Porto e de Lisboa, ao longo do século XX. Os edifícios das faculdades de arquitectura construídas no final do século representam o fim deste ciclo e a abertura de um novo debate alargado às diversas escolas que hoje formam os arquitectos em Portugal.

*Melhores projectos para edifícios de Belas Artes pedagosos
e convenientes do Sr. Keil do Amaral
proposto em 1968*

JOÃO PIRES DA FONTE, “FACUNDA ARQUITECTÓNICA DA BIBLIOTECA GERAL E ACADEMIA DE BELAS ARTES”, 1852. IN LUIZ CRISTINO DA SILVA, A SEDE DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS-ARTES, 1973, 37.

- 1 - ESTE TEXTO TEM COMO BASE O TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA Tese de doutoramento em História da Arquitectura em Portugal, realizado por Gonçalo Santo Moniz em 2017.
- 2 - FRANCISCO KEIL DO AMARAL, “A FORMAÇÃO DOS ARQUITECTOS”, IN ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES, ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES, TESIS, COM A COLABORAÇÃO DE LUIZ CRISTINO DA SILVA, A SEDE DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES, 1973, 78-79. (1ª EDIÇÃO: LISBOA, SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS, 1968).



LUIZ CRISTINO DA SILVA, ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES, A SEDE DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS-ARTES, 1973, 37.

1. O ensino Beaux-Arts a "sala do antigo"

Com anos depois da sua criação pelo governo de Passos Manuel, as escolas de belas-arts permaneciam nos conventos das ex-tintas e ordens religiosas, tendo ficado na "gaveta" os projectos de ampliação de João Fries da Ponte⁶ (1852-56), para Lisboa, e de José Sardinha⁷ (1882), para o Porto.

O projecto de Marques da Silva para a cerca do convento de Santo António da Cidade em 1915, na sequência da reforma republicana de 1911, é redesenhado já depois da reforma de 31, sob a tutela do Estado Novo. Esta proposta, de 1933, apresenta uma linguagem Deco, mas com um programa clássico, onde a Sala do Antigo, espaço de homenagem aos modelos clássicos, ocupa o centro da composição. A cópia permanecia assim como o método de ensino privilegiado a par da emulação, como aliás a reforma de 31 havia fixado.

O projecto para a cerca do convento é interrompido com a decisão de adquirir o palacete da família Forbès, conhecido por palacete Breguinha, situado na avenida Rodrigues de Freitas, em frente à fachada lateral do convento de Santo António.

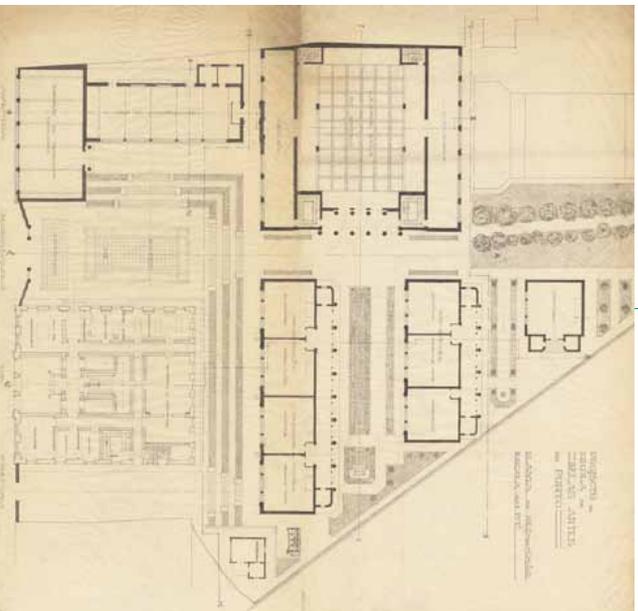
No ano seguinte, Manuel Marques desenvolve um primeiro estudo para um pavilhão, passando o projecto novamente para as mãos de Marques da Silva, que apresenta um novo ante-projecto no final de 1934. A solução abandona a ideia de um edifício compacto e desenvolve um conjunto de pavilhões nos jardins do palacete, onde a Sala do Antigo ocupa o centro da composição, colocando o pavilhão de exposições à face da rua e os pavilhões de pintura, desenho e escultura no interior do jardim. O pavilhão de arquitectura e colocado entre a Sala do Antigo e o pavilhão de exposições, ou seja entre a cópia e a emulação.

"O ensino das Belas-Artes tem de ser feito numa luta constante de emulações em que cada aluno revele as suas aptidões próprias".

3. LUIS GONCALVES DA SILVA, A SIRE DA ACADEMIA NACIONAL DE BELAS ARTES NO VENTURO ERFICIO DO ANTIGO GOVERNO DE S. J. FRANCISCO DA CIDADE DO PORTO, 1915. FONTE: ARQUIVO DE JOAQUIM LOPEZ, 3, 4, 13852.

4. ANTE-PROJECTO DE 1915, MEMORIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA, 1916.

5. JOSE MANOEL DA SILVA, "MEMORIA DO PORTO, 2 DE MAIO 1935, ANUÁRIO HISTÓRICO DA SECRETARIA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, PAZUA Nº7, 133-110.



JOSÉ MARQUES DA SILVA, PROJECTO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO, MAIO DE 1935. FONTE: ARQUIVO FUNDAÇÃO INSTITUTO ARQUITECTO JOSÉ MARQUES DA SILVA, FJMS-0129-PR00017/18.

ESCOLA DE BELAS ARTES DO PORTO, PLANTA GERAL, (1939). FONTE: FAUP/CODA, 38-40.



6. DIÁRIO DE LISBOA, 28-10-1935.

7. PRIMEIRO DE JANEIRO, 1-11-1940.

8. DIÁRIO DO GOVERNO, DIÁRIO DE MAIO DE 1931, 881. ORGANIZADO NAS ESCOLAS DE BELAS-ARTES DE LISBOA E DO PORTO.

9. ESCOLAS DE BELAS-ARTES DO PORTO, 22 DE NOVEMBRO DE 1915, FS. 22.

Marques da Silva atinge o limite de idade em 1939 sem ver a sua proposta de ensino beaux-arts completa através do frágulo legislação-pedagógica instalada.

A sua acção não ficaria no entanto circunscrita à Escola do Porto, tendo consequências significativas na orientação pedagógica do curso de arquitectura de Lisboa, não só através da elaboração da reforma do ensino de 1931, de que foi o principal mentor, mas também pela participação em 1932 no júri do concurso para preencher a vaga deixada pelo afastamento de José Luis Monteiro. Apresentam-se ao concurso quatro jovens arquitetos "da moderna geração": Cristiano da Silva, Carlos Ramos, Paulino Monteiro e Cassiano Branco - sendo o lugar de professor de arquitectura atribuído a Cristiano da Silva, jovem arquiteto bolsista na *École des Beaux-Arts de Paris*.

O concurso consistia numa prova teórica e numa prova prática, que tinha como tema "Uma Academia de Belas Artes". Este exercício académico constituiu um momento raro de reflexão sobre o edifício da escola e confirmou, também em Lisboa, a fixação dos métodos académicos e a resistência à entrada dos métodos modernos, que especialmente Carlos Ramos poderia vir a protagonizar, como se veio a confirmar mais tarde.

2. O ensino moderno: os pavilhões e o antifeito

Na Escola de Belas Artes do Porto, os alunos ficaram divididos entre o palacete, arquitectura, e o convento, escultura e pintura. Levando a direcção de Aarão de Lacerda (1940-45) e de Joaquim Lopez (1945-1952) a pressionar o ministério para a construção dos pavilhões. Com a saída de Marques da Silva, a Lacerda convidou Carlos Ramos para professor de Arquitectura, que toma posse em Outubro de 1940 propondo desde logo "um plano da sua orientação no ensino da cadeira de Arquitectura?". Ramos vai implementando pequenas transformações em direcção a um ensino moderno⁸, convivendo, porém, com as regras do sistema beaux-arts imposta pela rigidez da reforma de 31.

Este posicionamento revela-se também quando em 1945 a Escola pede a Carlos Ramos o projecto para os novos pavilhões da EBAP. Ramos decide envolver os alunos nesta tarefa, propondo para ponto do concurso de grande composição do ano de 1944-45 a "Ampliação da Escola de Belas Artes do Porto". Das propostas apresentadas, foi escolhida uma que deu origem ao plano proposto à Direcção dos Edifícios Nacionais do Norte (DENN). Os pavilhões distribuem-se no terreno definindo uma implantação, mas evitando a fixação de um sistema compositivo global que condicionasse o projecto de cada pavilhão. Tratava-se assim de pensar a intervenção no edifício e na cidade como um

processo em aberto, agregador da diversidade e não condicionador de uma qualquer unidade. Esta atitude reflectia um modelo de ensino mais democrático encarando a escola como espaço colectivo e não como espaço para o desenvolvimento da "actividade criada e individualizada"⁹, como pretendia a reforma de 31 no seu preâmbulo.

A DENN, através de seu director da secção de estudos, Manuel Lima Fernandes de Sá, sugere que se abandonou este plano e se explore a ideia de um Palácio das Belas Artes⁹ em terreno fora do centro urbano. Ramos realinha a sua posição pedagógica recusando qualquer proposta que retire a escola do centro, considerando que a própria cidade o objecto privilegiado de estudo do arquiteto.

A construção dos pavilhões avança entre 1946 e 1961, sendo o primeiro, o pavilhão de Desenho, inaugurado em 1950 com projecto da Secção de Estudos da DENN. A secção viria ainda a projectar o pavilhão de Arquitectura e de Exposições e a Aula Máxima, ficando Carlos Ramos apenas com o projecto do pavilhão de Pintura e Escultura.

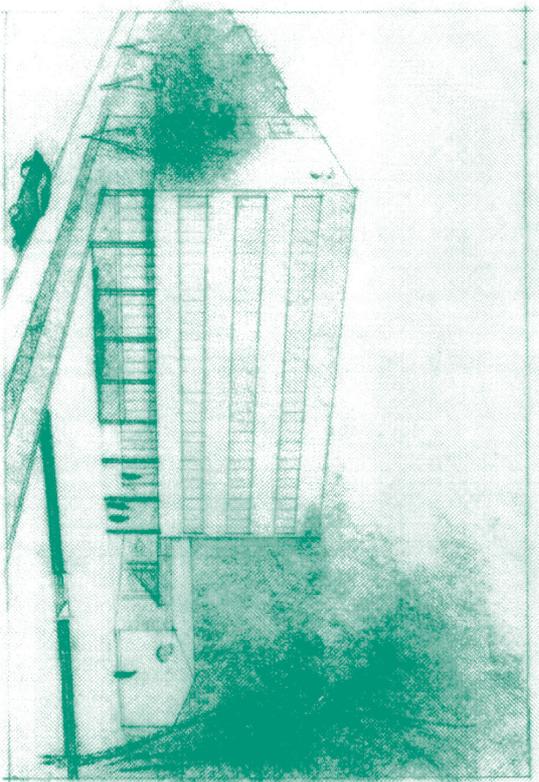
Apesar da presença de Manuel Lima Fernandes de Sá em todos os projectos da DENN, é perceptível, pela diferença de opções arquitectónicas, a presença de diversos colaboradores, entre os quais, Joaquim Santiago Areal e Silva no de Desenho, Alfredo Leal Machado no Pavilhão de Arquitectura e Exposições, e Octávio Lixa Figueras e Eduardo Brito na Aula Máxima.



MANUEL LIMA FERNANDES DE SÁ DA ESAP, ENTRADA, 1947/1950. FONTE : GONÇALO CARMO MONIZ



OCTAVIO LIMA FIGUERAS (DENN), 1955. ARQUIVO NE EBAP.



Manuel, Lima, *Feituras de S4 (DENM) - Pavilhão de Arquitetura e de Exposições da ESBAL - 1951-54.* FONTE: ARQUIVO FAUP/CIUA, BA-13

O plano de Ramos propõe ainda duas soluções com repercussões no ensino, o pavilhão de arquitetura a face da rua em estreito diálogo com a cidade e a construção de uma Aula Máxima, espaço de representação para acolher as sessões formais, mas também o espaço das atividades culturais e mais tarde das reuniões gerais de alunos, conformando assim, mesmo perante todos os compromissos, uma escola moderna.

O processo de construção dos pavilhões acompanha o debate sobre a reforma do ensino, que depois do Congresso de 48 se torna inevitável. O Estado Novo reforma todo o sistema de ensino e convida os professores das escolas a apresentar uma proposta que dê origem à reforma de 1950. Pretendia, assim, conciliar o arquiteto-artista com o arquiteto-técnico dotando-o de instrumentos para intervir na "formação" nacional.

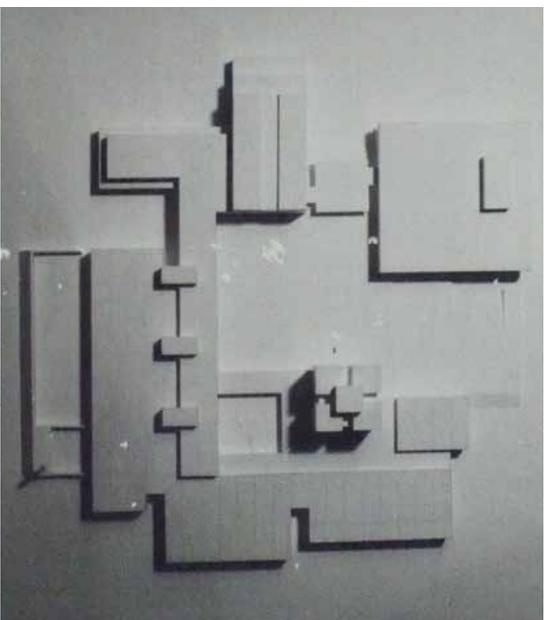
Em Lisboa, segundo Nuno Teotónio Pereira, "Mestre Cristiano foi perdendo as suas certezas, deixando de bradar que andáramos por caminhos errados"¹⁰ e adere novamente às ideias modernas. Tanto no atelier, por exemplo no "Plano do Bairro Operário do Barreiro" (1948-51), como na Escola, estas transfor-

mações são visíveis. Neste sentido, convida Alberto Pessoa para assistente e propõe aos alunos a participação na II Bienal de São Paulo (1951-52) e nos concursos de emulação da UIA (1952-54) abridos a Escola ao debate internacional.

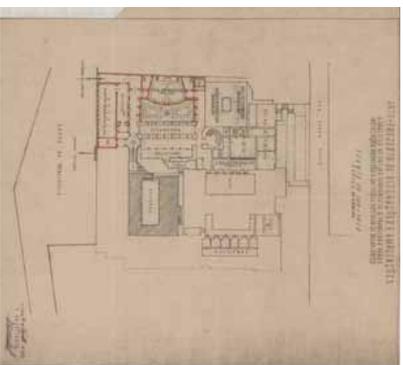
Quando o edifício, depois de não ter vingado a hipótese de instalar a Escola em Monsanto¹¹, Cristiano desenvolve o projeto de um anfitrião para o convento de S. Francisco procurando relacionar a atividade pedagógica com a atividade cultural que os alunos viviam reclamando, por exemplo na revista *VERA*¹².

10 - Nuno Teotónio Pereira, "Cristiano, mestre de uma geração rebelde", in José Manuel Fernandes (coord.), *Os anos de ouro da arquitetura portuguesa*, Lisboa, FCG, 1988, 141.

11 - Em 1949 e negociado entre Luís Cristino Pereira, Manuel Tainha, Carlos Ramos, José Fernandes e Paulo Monteiro, sob a direção da EMBAL, a hipótese de construção de uma escola em Monsanto, em Beiras Artes de Lisboa em Honra do...



Carlos Ramos, Manuel Tainha, Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, 1.º Estudo Prévio, 1960; 1959; 2.º Estudo Prévio, 1960; Ante-projecto, 1966 (com Bartolomeu Gusmão e António Taveira). FONTE: ARQUIVO MANUEL TAINHA.



Luís Cristino da Silva, "Anúncios e trabalhos de alunos de aulas de ampliação", a realizar no antigo convento de São Francisco para instalação provisória da Escola Superior de Belas Artes, coleção Luís Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte, LCSM 83.15.



Augusto Brandão, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1987-94. FONTE: JOSÉ ROMÃO

13 - Manuel Tainha, Carlos Ramos, *Memória da Escola Superior de Belas Artes*, 15 de Janeiro de 1959 - Arquivo Manuel Tainha, Ver também J.A., 202, 2021. Sobre este assunto, ver o artigo de Mário Ribeiro neste número de Arquitectura 21.

3. O currículo moderno e a universidade: a "mega-estrutura"

Quando a reforma de 50 é regulamentada em 57, já as Escolas tinham feito a sua aproximação ao moderno. Os novos assistentes, convidados para implementar a reforma, já estão mais próximos da revisão proposta pelo TEAM X desenvolvendo uma a ação pedagógica que é crítica do modelo científico-tecnológico da reforma centrando-se na formação social do arquiteto.

Carlos Ramos é convidado a projectar um novo edifício para a ESBAL, na Cidade Universitária de Lisboa contando com a colaboração de Manuel Tainha. O projeto desenvolve-se ao longo de toda a década de 60 testando diversos programas e diversas implantações, mas não é construído. As propostas sugerem uma "mega-estrutura" como contendor de uma outra proposta pedagógica, mais humanista e mais complexa, onde se pudessem cruzar disciplinas de natureza diversa, procurando assim aproximar a Arquitectura da Universidade.

"A recondução das Artes ao foro universitário e por seu turno o corolário lógico do seu valor como forma de conhecimento da natureza e da vida humana, com os seus métodos e coerência próprios: métodos, aliás a cuja definição não é indiferente a paralela definição do sector das ciências"¹⁴.



Alvaro Siza, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1987-94. FONTE: GONÇALO CANTO MORIZ

Caminhava-se para uma autonomização da arquitectura que a criação das faculdades de arquitectura iria consagrar só em 1979 e que, 10 anos mais tarde, começara a ganhar forma no edifício do Campo Alegre, projectado por Álvaro Siza, e nos edifícios da Ajuda de Augusto Brandão.

Curiosamente, os dois edifícios seguem aspectos programáticos semelhantes, apesar das diferenças evidentes nas opções arquitectónicas. Por um lado, são deslocados para os campus universitários das dências, deixando as Belas-Artes nos antigos edifícios do centro da cidade e, por outro lado, ambas as propostas organizam o programa por pavilhões ou blocos abridos os pátios à cidade. No momento em que o ensino da arquitectura se começa também a massificar com a abertura de novos cursos públicos e privados, as Faculdades de Arquitectura do Porto e de Lisboa, fecham o ciclo Belas-Artes e iniciam o ciclo universitário com dois novos edifícios que procuram responder aos desafios e exigências da Universidade¹⁵ e onde se concilia a formação do arquiteto com a pós-graduação e com a investigação. O projeto moderno, proposto na reforma de 57, ganha renovada pertinência no equilíbrio difícil de condensar múltiplas áreas científicas em torno da formação do arquiteto-artista-técnico-investigador.